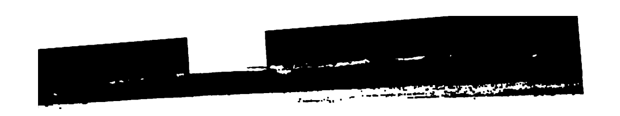

869.8
M248
sn
A 466861



MBRAS DO VALLE





SOMBRAS DO VALLE

POR

A. MALHEIRO

BARCELLOS.
1873

TYP. DA AURORA DO CAVADO

E. R. V.

INDICE

SOMBRAS DO VALLE

NOITE

Oh céu de saphira!
Outorga-me á lyra,
Que branda suspira,
Um hymno d'amor!
Amena meus cantos,
Atalha meus prantos,
Depara-me encantos
Do teu resplendor!

Que noite! Saudosa,
De luz ubertosa
A Délia formosa
Campea no céu;
Reflete na penha,
Que na agoa se embrenha,
A luz que despenha,
O languido véu.

O zéphyro geme
No freixo, que treme,
Vagando sem leme
Do val na expansão:
De plaino em collina
Namora a bonina,
Que á luz argentina
Dilata o botão.

Noitivagas aves
Ás auras suaves

Seus canticos graves
Consagram além.
O mocho, qual fera
Que os mortos venera,
Das campas a hera
Festeja tambem!

Por entre verdura
Torrente mui pura
Serpea e murmura,
Banhando em crystal
A felpa relvosa,
O lyrio e a rosa
Da serra saudosa,
Do flórido val.

O monte negreja,
O prado viceja,
A rosa espaneja
Seu calix d'amor;

A vaga scentilla,
A sombra vacilla,
E a nuvem estilla
Sereno licor.

A fonte celeste
Borrifa, e já veste
De perlas o agreste,
Purpureo matiz:
Aligera briza,
Vagando indecisa,
Após as desliza;
Varrendo o tapiz.

Que enlevo! A tristura
Da noite é doçura,
Mudez que murmura,
Que falla na dor!
Bem hajas, oh noite!
Teu manto se afoite!

Que brando me acoite
Em horas d'amor!

No céu estrellado,
No monte calado
Parece que um brado
Exhala a mudez:
Jehovah! é o grito,
Que estala o granito,
Que o mundo finito
Tremer todo fez!

Oh céu de saphira,
Outorga-me á lyra,
Que branda suspira,
Um hymno d'amor!
Amena meus cantos,
Atalha meus prantos,
Depara-me encantos
Do teu resplendor!

CONTEMPLAÇÃO

Olha o céu, Julia, que bello!
Está como eu nunca o vi;
Tão azul, que eu pasmo ao vel-o,
Tendo teus olhos aqui!

Apenas além diviso
Nuvem doirada, não vês?..
Repara, que um teu sorriso
Ainda não a desfez...

Mira estas arvores, olha
Como se agita o pomar:
Parece que folha e folha
Nos estam a cortejar!

Vê como no azul ferrete
Seu manto a luz estendeu;
Tão branda, que nem derrete
A neve do collo teu!

Ouve que zephyro incerto
Suspira entre verdor:
Sendo tu aqui tão perto,
Parece gemer com dor!...

Não ha ecos, por mais suaves,
Que a voz te egualem aqui;
Mas eu ouço além as aves,
Depois que a falla te ouvi!

Aquelle outeiro de trigo

Tão verde... que lindo está!
Sendo eu aqui comtigo,
Apraz-me vel-o, olha lá.

E a bonina, a mais singela
Depois que a olhas é tal,
Que te confundem com ella
As mariposas do val.

D'aquelle regato a face
Parece neve ao luar.
Como se reverberasse
O brilho d'um teu olhar!

E o nosso céu... ai, que bello!
Está como eu nunca o vi;
Tão azul, que eu pasmo ao vel-o,
Tendo teus olhos aqui!

Agosto, 1869.

DELIRIO

Eu quero amar-te mais. Tu és tão linda!
Tens um modo de olhar tão engraçado...
Eu quero amar-te mais; se mais é dado
A quem não pôde amor sondar ainda.

Amar-te mais, sim: quero um céu fortuito
Aqui n'estes meus braços um momento!..
Aqui... perdôa! foi deslumbramento;
E' que eu amo-te muito, muito, muito!

Quando te miro ás vezes, esmeralda,
Tão ébrio n'um desejo, n'um assombro,
Cahir sonho a teus pés, como n'um hombro
Te cai desfeito o lirio da grinalda!

Má hora em que te olhei, maldita hora
Em que vendi meu peito... ai, vida! vida!
Eu cuidava que tu eras mais fida...
Mas basta agora um beijo! agora! agora!

a teus pés leão mais que domado...
beijo, um só na mão! valham-me enganos!
que é d'um tino meu, d'ons meus vinte annos,
ventos d'um delirio agora dado?..

vês tu que inda ardores não mutilam
meu funesto, lugubre cypreste?
Esta saudade, o bem que tu me déste
Por este amor.... que lagrimas se estilam?!.

Banha teus pés o sangue, que me abriste!
E tu magôas tanto!—inda á ferida
Arrancas o punhal... ai, vida! vida!
Que não sei, se inda és minha, se partiste

Má hora em que te olhei, meu bem, má h
Em que vendi meu peito! era um sorriso
E, hoje, é meu inferno o chão que piso..
Mas basta agora um beijo! agora! agora

Abril, 1870.

DEVANEIO

Assim, vá! mais um sorriso,
Que eu disfruto o paraizo
No teu sorrir infantil:
Vejo um altar a florir-se,
E n'elle um anjo a sorrir-se
Qual tu, fagueiro e gentil!

A cada riso um suspiro
Junta mais; eu já respiro
Das rosas suave olor!
Eu ouço a voz, que te chama
E o ecco que lhe diz—ama!—
N'esses ais de tanto amor!

Outra vez mais; és tão linda
A sorrir! és... és ainda
Mais grata que um olhar teu...
Mas... basta, pomba, receio
Que este louco devaneio
Me eleve sem ti ao céu!

Julho, 1869.

DEPOIS D'UM BAILE

(A Antonio de Carvalho)

Que fomos mui felizes
Te juro, ah! sim; porém,
Amigo, que me dizes
D'aquelles olhos?.. hem?..

São verdes?. não: são pretos?...
Ai, não... castanhos... peor!
Seus olhos, por inquietos,
Não deixam ver a côr!

E o ár, a acção tão grave...
Que gestos tão louçãos!
Pareciam vôos d'ave
Fugida a suas mãos!

À voz não menos branda,
Que a luz d'um olhar seu,
D'aquelle olhar que manda
Subir a gente ao céu!

E aquella trança loira..?
Cuidaste ao céu trepar
Por ella... ah! se ella estoira,
Onde ias tu parar?!

Gostei, gostei de ver-te
N'um tal ardor; porém
Não sei o que dizer-te
D'aquelles olhos, hem?..

Novembro, 1869.

VISÃO E SONHO

Eu vou contar-te d'um caso,
Que a sonhar me succedeu.
Se bem que é máu contar sonhos,
Escuta sempre este meu:

Fôra eu dár além a um valle,
Que o mar chega inda a lamber...
Tão absorto em pensamentos,
Que nem vi como fui ter

A tão longe. A gente ás vezes
É como a folha no ár,
Vai tambem d'alto pensando
E não sabe onde parar.

Emfim, na relva sentado,
Á sombra do laranjal,
Eu contemplava sózinho
Aquelle encanto rural;

Quer visão fosse, quer sombra
D'aquelle val em redor,
Eu via em tudo, que olhava
Femeo sorriso d'amor!

Via-o na flôr dos outeiros,
Que junto da praia estão;
Na sombra das larangeiras,
Que balouçava no chão:

Na onda, que pela praia
Fingia serpe caudal,
Que a rocha negra trepava,
Espadanando crystal;

No sol-por, que o occidente

Descêra prestes sem véu;
Na terra deixando sombras,
Deixando rosas no céu;

Nas aves, que já teciam
Seus canticos vesperaes;
Nas auras, que suspiravam
Na copa dos salgueiraes;

No céu, que puro egualava
Teus meigos olhos na côr;
No rubor dos horizontes,
Que imitava o teu rubor;

Na lua, que se afoitava
Atraz do monte oriental,
Que parecia vir surgindo
De entre o seio do pinhal.

Porém Morpheu, mal que em volta
O rural quadro mirei,

Deu-me um ósculo nos olhos,
Que prestes logo cerrei.

Eu dormia: eis que uma fada
Vem sentar-se junto a mim...
Tão gentil... eu nem concebo
Que as fadas sejam assim!

Toldava-lhe o rosto candido
Alvo diaphano véu....
Parecia um anjo, que a nuvem
Tomou, ao vir-nos do céu!

—Serás tu, pergunto, a Diva
Dos prados?—Eu sou quem sou—
Me responde só, mas prestes,
Sorrindo-se murmurou:

—Eu sou a gotta, que a aurora
Lançou no mar:
Eu sou a penna que a rola

Perdeu no ár.

Sou a perola, que ás praias
O mar rojou.
Ás praias, onde a buscar-me
Jámais voltou!

Sou a flôr, que no regato
Além cahi:
Vim na corrente, e a corrente
Deixou-me aqui.

Eu sou o lirio, que a noite
Aqui fechou:
Pela bafagem da aurora
Chorando estou!

Sou a nota, que da lyra
Além sahi:
Vim nas azas do favonio
Morrer aqui.

Eu sou a luz, que em teus olhos
Se derramou;
Cuja flamma teu regaço
Incendeou.

Sou a virgem, que idolatras
Do coração:
Vim procurar-te, e perdi-me
N'est'amplidão!—

Isto murmura, e do rosto
Tira o nevado sendal;
Abre-me o céu n'um sorriso,
Que inamorou todo o val!

E eu que fiz?.. que vi?.. que disse?.
Santo Deus! morri d'amor,
Quando vi surgir teu rosto
De entre seus labios em flor!

Eu que fiz?! quiz nos meus braços

Abranger prestes um céu!
Que vi? um anjo: que disse?..
Amor o diga—sou teu!—

E tu vieste em meus braços
Desfalecida cair,
E meus abraços apertaram-se...
Meus braços sem eu sentir!

Mas... ai, de mim, triste acaso:
Mais que um céu me vem roubar:
Quebrar vejo a tenue fita
Do teu gemmante collar!

As perolas, que uma a uma
Da fita cahindo vão,
Sobre as rosas fingem gottas,
Que exparge fresca manhã.

Por entre as rugas da terra,
Por entre a relva do val

Se esconde mais uma perola,
Se perde mais um coral!

—Eu levanto as per'las todas,
Murmuro eu,
Se me dás por cada uma
Um beijo teu.—

—Sim.—Disseste. N'uma rosa
Per'la primeira apanhei,
E agora um beijo, outro logo,
Quando... ai, de mim, accordei!

Accordei. Uma flôr branca
Senti cahir-me da mão;
E as pétalas niveas, soltas
Matizam prestes o chão!

E eu não creio em prophecias,
E eu não creio os sonhos já;
Mas os sonhos trazem feitos,

Que nem sei como... vê lá:

Tu eras a rosa branca,
Que á mão me veio parar,
E as pétalas niveas, soltas
As per'las do teu collar!

E accordo emfim. Como a sombra,
O sonho na luz se esvai.
Se o sonho durasse a vida,
A vida durara um ai!..

E tu já ris do meu sonho!
Eu bem sei que foi sandeu;
Mas vê que é máu contar sonhos,
Não vás contar d'este meu.

Julho, 1869.

FLOR!

Tem por germen teu rosto a gentileza,
Vizão do sonho meu!
Em mostra de seu preço a natureza,
Estrella do meu céu!

Se em prado ou jardim virginea rosa
Tu colhes, meu amor,
A ástea se definha de raivosa,
Com zelos d'essa flor!

A rosa tem ciumes dos aromas,
    Que espalha no rosal,
Se tu passando alli respiras, tomas
    Aroma, essencia tal!

O sol pára no céu ao ver teu rosto,
    E zelos tem, tambem,
Da luz, que inda lhe exparge, quando pôsto
    Desmaia e morre além!..

Deixa-me ver-te a fronte, que é tão bella!
    Volta-me um riso, amor!
Não deu para esconder-se Deus a estrella,
    Nem para a sombra a flor!

Julho, 1869.

MARIA

Por ti, que nem momento
Recordas o mendigo;
Por ti, que nunca abrigo
Me dás no pensamento,

Maria, morro... ah! juro
Por essas tranças d'ouro!
Por esse olhar—thesouro
Do meu amor tão puro!

E olhas-me tu? não. Basta.
Arfa por mim teu seio?
Recordás-me? não crêo!
Ah! pois o que me arrasta

A ti? Justo é (perdôa)
Amar minha alma outra alma,
Não tendo essa alma a calma,
Não sendo alma tão boa?..

Uma paixão, Maria,
Ás vezes não é nada
Mais, que, por vós armada,
Uma feiticeria!

E como? é que a mulher
Tem não sei quê d'encanto...
Ai! céus, amo-lhe tanto
Aquelle dár—e—ter!

Aquella acção divina!
Aquelle olhar fulgente!
Luz que, insensivelmente,
A amar o homem ensina!

Eu cá não lhe rezisto :
Vi-te uma vez, e logo
Senti no peito um fogo
Immenso !.. Que é pois isto ?

Misterio. E do modo
Que olhaes... oh! não se entende!
—Tanto nos cega e prende,
Maria, o vosso todo!

A falla, a voz parece
Que exige amor, e a gente
Foi já tão indolente,
Que resistir podesse ?
. . . .

Dezembro, 1869.

AO LUAR

Como vens silencioso o ár banhando,
Luar, doce fanal dos namorados!
Melancolica luz, enlevo brando
Dos que vagam na dor desatinados!

Vem, doce noite, vem doirar-me a fronte
Com essa luz tão fresca, oh! noite, oh noite!
Azuladas planuras do horisonte,
Dai-me um cantinho, aonde a vista acoite!

Eu aborreço o dia, e amo tanto
A solidão, de estrellas recamada...
Inamorado o luar, ébrio de encanto
Por sobre claras agoas da levada.

Como é ditosa a noite! que de amores
Não miras tu do alto, lua, amiga?..
Quantos laços, ai, luz! quantos ardores!
—Que doces horas que teu manto abriga!

Vem, doce noite! vem, meu devaneio!
Agora amor no peito me insinua!
Carpir-te vou meus ais, abre-me o seio,
Melancolica luz da mansa lua!.

E á luz do teu luar quantos segredos
Amor confessa agora, protegidos
No teu silencio...? uns tristes, outros ledos,
Na solidão, quaes meus, outros perdidos!

Eu tambem amo, e tenho uma saudade,
Que tu despertas, noite grata e bella!
Deixal-o! fito os céus, a soledade
É cobertura, e tu contens-me n'ella!

Contens-me, sim... mas ai, bastam lembranças!
Apaga o teu luar, pallida lua!
N'esse languido olhar, que á terra lanças,
Eu vi agora triste a imagem sua!

Abril, 70.

UM SO

Pois beijo ao de leve
Que tem?
Se a face é de neve,
Meu bem?

Mais outro... um! não córes...
Dois... tres...
Esmaga estas flores
Da tez!

O céu és sem velas,
Sem véu!
E eu conto as estrellas
Do céu!

Tu és este ensejo
De paz!
Tu és este beijo,
Que dás!

Vá! que outro seguro
Com dois!
E, pago-te o juro
Depois.

Pois, sendo ao de leve,
Que tem?..
A face é de neve,
Meu bem!

Maio, 1870.

[redacted]

> **Tu és manhã, rosa, e pomba.**
>
> João de Lemos.

Como és bella! és como as fadas
Entre as palmas orientaes!
Como as frescas madrugadas
Nos meus fecundos rozaes.

És como por noite escura
Do raio a luz, o fanal;
Como a esphera azul e pura
Da nossa terra natal.

Como a fenda, como o raro
Do véu, que tolda o luar,
Que ao passar lhe deixa claro
Nossos lagos argentar.

És como a fresca Maria,
A bonina, o cravo aldeão!
Quando vai á romaria
De lenço branco na mão!

Como o candido narcizo,
E o matiz que alva lhe deu;
Como a graça d'um teu riso,
Como a luz d'um olhar teu!

Como o cravo da capella
Em noites de san'João.
És como a flor... és mais bella,
Que a rosa que tens na mão!

És como a arfar o teu seio,
Pendente d'elle uma flor;
És como esta hora de enleio,
Como este beijo de amor!

Julho, 1869.

ECCOS

Mas onde me fallas tu?
Que será isto, Jezu,
Que o não vejo! Responde:
Quero m'ir del'outra banda.
Ecco. Anda.

BERNARDIM RIBEIRO

'Morreu!' eccoava em montes nus e seccos
A minha voz. 'Morreu!' e a voz dos eccos
A longo suspirou!
'Dissipa-te visão, jaz Ermelinda!'
E um ecco duas vezes gemeu — **Linda!**
Mais longe outro disse — **Inda!**
E... ficou!

'Pois inda é bella a flôr, que a mão da morte
No val da minha sorte
Cultivou ? !
Quem, pois, inda na campa se desvéla ?..'
E um ecco duas vezes gemeu — **Véla !**
Mais longe outro disse — **Ella !**
E... ficou !

'Aliza ainda os mádidos cabellos ?..
Na morte seus desvellos
Quem ousou ? !
Ai ! se a laços ainda me convida !..'
E um ecco duas vezes gemeu — **Vida !**
Mais longe outro disse — **Ida !**
E... ficou !

'Idos aureos instantes de magia !
O sol, que me cobria,
Se apagou !

Dissipa-te visão, jaz Ermelinda!'
Duas vezes um ecco gemeu — **Linda!**
Mais longe outro disse -- **Inda!**
E... ficou!

Agosto, 1869.

O RAMO

Ai! a mão, que o ramo enfeita,
Qual uma rosa é tambem!
E que rainha tão perfeita
Rosas taes, tal ramo tem!

Se muito, Rosinha, te amo,
Bonina do meu amor!
Estimo muito esse ramo,
Rosa a rosa, flôr a flôr!

O lirio, ai, tão carmineo!
Ai, o cravo inda em botão!
O jasmim branco e virgineo,
Branca a rosa do Japão!

O cravo, ha pouco orvalhado,
Quiz tua mão oscular:
Curvou a fronte... coitado!
Depois do orvalho se escoar!

O lirio, sendo já noite,
A folha toda estendeu.
Porque teu hálito o afoite,
Julga-o aragem do céu!

Ai, de entre as rosas que um pouco
Ergue a fronte o malmequer!
Quer que lhe contes, o louco,
Todas as folhas, ai, quer!

Olha a rosa toda ufana,
Vê todo ufano o jasmim;
Nem quando o zephyro o abana
Entre os lirios do jardim!

Ai! a dhalia que definha,
Com longes de emulação!
Aspira a louca ser rainha
D'um ramo na tua mão!

Até a pobre violeta
Quer tambem gala ostentar;
Cuida ver a borboleta
De volta em volta a adejar!

A saudade, ai, que tão triste
Se occulta sob outra flôr!
Porque ainda a não sentiste,
Rosinha, rosa d'amor!

E a flôr mais bella, ai, Rosinha!
Que muito a amo tambem!
Dà-me esse ramo, rainha
Das rosas que o ramo tem!

Dezembro, 1869.

ADEUS

N'este «adeus», onde occulto o ser me levas
De rasto, flôr !
Meus olhos vão tambem, que eu fique em trevas,
Amor, amor !

N'este «adeus», onde escuto «adeus» eterno
E vejo... ai céus !
Será justo ver eu em Deus o inferno..?
Oh Christo ! Oh Deus !

«Faça-se a luz» disseste, e a immensidade
Tornou-se em lúz!
Porisso ella de mim fugir não hade,
Oh! Deus! Oh Cruz!

Se nunca mal disse a rosa
O nectar que do céu cai,
Se da lámpada que a atrai
Jámais foge a maripoza;
Se o fulgor não perde a estrella,
Se os véus negros da procella
A estrella doira tambem;
Se ampara norte radiante
O destino ao caminhante,
Se o pranto esmalta do infante
O seio amigo de mãi!

Se as nuvens lentas que assomem
Dão fenda a tibio clarão;
Se a luz doirou a rasão,

Se a rasão doirou o homem;
Se toda a ave tem seu ninho,
Fera bruta seu carinho,
'Irta palma seu verdor,
Visão grata o devaneio,
Todo o batel seu enseio,
Tu foges, deixas-me, seio,
Sepulchro de tanto amor?!

Ai! sim, amor: tu vais descompassando
Osculos de sentido e louco ardor!
Teus braços manso e manso vais largando,
Como calix que deixa secca a flôr!

Mas n'este «adeus» aperta mais teus braços...
Até que eu diga—basta! mais não posso!—
Até que a força d'um affecto nosso
Mostrar me possas em tão cêgos laços!

Mais um beijo... um abraço mais e... basta!

Não póde mais um peito! Adeus, Saudade!..
Oh! por piedade, arranca por piedade,
Este punhal que inda a vibrar se arrasta!

Aquelle tão fugaz, primeiro riso
Que dos teus aos meus labios adejou,
Foi não sei se o inferno, se o paraizo
Sei só que a luz me deu, e m'a roubou!

Como a vide mutilada,
Chora e punge seus abrolhos,
Eu heide, luz dos meus olhos,
Chorar a luz d'esses teus!..
Adeus!

Heide choral-a nos valles,
Quando se haja o sol já pôsto,
Se enlevados no teu rosto
Não forem os olhos meus...
Adeus!

Choral-a vendo as estrellas,
Choral-a colhendo flôres,
Choral-a ao ver os rubores,
Quando á tarde fite os céus...
Adeus!

Olha, não te esqueças,
Perola do mar!
D'aquellas promessas
Ao luar!

D'aquellas conversas
Tão lindas...
Ai céus!
Que agora são findas...
Adeus!

De quando o céu fitando me dizias
Ouvirem as estrellas
Tuas juras!

Que, pois, se não brotassem d'alma puras,
Te desmentissem ellas !

Ai ! por piedade, arranca por piedade
Este punhal que inda a vibrar se arrasta !
Mais um beijo... um abraço mais e... basta
Não póde mais um peito, Adeus Saudade !

Agosto, 1869.

Olhar amortecido,
Olhar terno e loução;
Que tanto me hás prendido,
Olhar de perdição!

Olhar sereno e bello,
Amor que se introduz;
Olhar, que sempre ao vel-o,
Me cega e me dá luz!

Olhar... porque heide amar-te,
Olhar celestial ?
Olhar sem gesto d'arte,
Olhar de pomba em val ;

Olhar d'ave que passa,
Olhar que doma o leão,
Olhar de tanta graça,
Olhar de perdição ;

Olhar que estala as cordas
Da lyra ao trovador...
Olhar—luz que me acordas
Em sonhos de furor !

Outubro, 1869.

ROSAS D'AMOR

Não vás ao jardim, que as rosas
Travam assidua questão:
Aspiram todas teus mimos,
Todas querem tua mão.

Eu gosto, gosto de vel-as,
Quando regal-as tu vais:
Como, erguendo altiva a fronte,
Querem brilhar todas mais!

Mas hontem, hontem de tarde
Uma d'ellas fez-me dó:
Para oscular teus vestidos
Cobriu-se toda de pó!

Foi, uma, cuja vergontea
É de airosa elevação;
Que ao ver-te passar, do vaso
Se debruçou para o chão.

Tu passaste; e o teu vestido
Depois na rosa tocou;
E ella, mais erguendo a fronte,
Toda vaidosa ficou.

Agora as outras com raiva
Assombram a pobre flôr,
Que pouco e pouco já cède
De essencia, viço e frescor!

Eu terei summo cuidado
Em ir regal-as por ti:
As rosas ardem em zelos,
Não voltes mais para alli!

Agosto, 1869.

MANHÃ

Rompe o dia, a noite finda,
Diz a sineta da cruz.
Manhã fresca, manhã linda
Inunda as trevas em luz!
Goteja prata na relva,
Chora prata pela selva,
Alva prata que reluz!

Canta o melro as alvoradas
No frondente salgueiral,
Que se espelha nas levadas
Do ribeiro de chrystal.
O mocho foge do prado,
E vai sumir-se calado
Na ramagem sepulchral.

Alarga o sino na selva
Novo som, que desprendeu;
Dissipa a brisa na relva
As esmeraldas do céu.
D'argenteo brilho se alfaia
A espuma, que pela praia
Nocturna vaga estendeu.

Manso e manso em luz se banha
A nocturna escuridão;
Recorda além a montanha
Doirado alegre clarão:

As mariposas deliram,
Os euros brandos suspiram
Nas folhas murchas do chão.

Como é bella a madrugada!
Quanto é bella a despontar!
Que gorgeios na quebrada,
Que murmurios no pomar!
Nos prados que aura serena,
Que matiz na relva amena,
Que amena relva a brilhar!

Hosanna! fulgida aurora,
Dos verdes prados amor!
Madrugada encantadora,
Facho loiro e precursor!
Salve, conforto da terra,
Que a campina, o valle, a serra
Animas com teu frescor!

Salve, luz! a noite finda,
Diz a sineta da cruz.
Madrugada, sê bem vinda,
Que as trevas mudas em luz!
Que na selva, que no prado
Choras argento nevado,
Alva prata, que reluz!

Agosto, 1869.

A TRANÇA

Deixa estar o teu cabello,
Como está:
Torna teu collo tão bello,
Que... vê lá:

Nem a nuvem no occidente,
Ao sol pôr,
Se adereça tão fulgente,
Meu amor!

Ai, que feitiços, que assombros
Para mim!
Uma trança posta em hombros
De marfim!

Enforca-me n'essa trança,
Minha flôr!
Que me rala, que me cança
Tanto amor!

N'essa trança luzidia,
Onde o sol
Fez n'aurora do teu dia
Arrebol!

Arrebol que sempre brilha,
Lirio meu!
Na jaspea senda que trilha,
No meu céu...

No meu céu — no teu regaço,
Casta flôr!
Ou assim n'esse teu braço,
Meu amor!

N'esse teu braço, que em neve
Se desfaz,
Se um beijo mesmo de leve
Tu lhe dás...

Um teu beijo...ai, que me cança
Tanto amor!
Enforca-me n'essa trança,
Minha flôr!

Agosto, 1869.

SEMPRE...

A que a vida me prendeu
Foi essa trança, oh loirinha!
Essa, que ora desalinha...
    Ai! vida minha,
    Que ardor o teu!

Cuidava trepar ao céu,
Um dia que a vi pendida!
E um dia, em meio a subida...
    Ai! vida vida,
    Que ardor o teu!

Que espesso que fora o véu!
Que linda a trança, que flava!
Eu nem via se a trepava...
    Ai! vida escrava,
    Que ardor o teu!

Se ora vivo não sei eu;
Sei que a vida me parára,
Quando em meio um céu ganhára...
Ai! vida rara,
Que ardor o teu!

Este ser nem era o meu.
Esta vida fôra pouca,
Para beijar-te essa bocca...
Ai! vida louca,
Que ardor o teu!..

Preso na trança estou eu,
E a trança não desalinha.
Tu suffocas-me, loirinha!
Ai! vida minha,
Que ardor o teu!

Abril, 1870.

[redacted]

CANTO DO ALDEÃO

Eu não amo essas lindezas
E grandezas
D'uma villa collossal.
Com quanto seja uma aldeia,
Não é feia
A minha terra natal.

Feliz a vida aqui gozo ;
Sou ditoso :
Dá-me o céu graças a fluz :
Amo aqui tudo que é bello
E singelo...
Tudo que encanta e seduz!

Eu amo as tardes amenas,
Tão serenas,
Da primavera gentil;
Eu amo do prado as rosas
Tão formosas,
Eu amo as galas d'Abril!

Eu amo os montes purpureos,
E os murmurios
Que a briza desfere além.
Amo os verdes da natura;
Graça pura
Que a relva dos campos tem.

Se não disfruto das salas
Aureas galas,
Admiro a terra e os céus!
Ouço o mar, contemplo os montes,
Rios, fontes,
E em tudo a imagem de Deus!

Não ; não amo essas lindezas
E grandezas
D'uma villa colossal :
Com quanto seja uma aldeia,
Não é feia
A minha terra natal.

Tem no pomar fruto grado,
Liz do prado,
Roxos lyrios no vergel ;
Nos campos viçosa herva,
Que conserva
Pasto ameno á grei fiel.

Amo o sol, quando desmaia
E alfaia
A nuvem com branda luz ;
Amo a perola que esmalta
Por noite alta.
As heras além da cruz.

De noite, quando já tarde,
Que inda arde
A fogueira no meu lár,
Amo as horas socegadas,
Ahi passadas
N'um fagueiro meditar.

E não amo essas lindezas
E grandezas
D'uma villa collossal:
Com quanto seja uma aldeia,
Não é feia
A minha terra natal.

Maio, 1869.

ANHELO

Quebraste a penna,
Que respondia?
Sol do meu dia,
Astro d'amor?

Não tens já tinta
Com que me escrevas,
Luz para as trevas
Da minha dôr?

Não tens um brado
Que exhale apenas:
—Eu tenho penas
Do teu soffrer—?

Nem voz, nem falla,
Que accorde—eu vivo—,
Dia festivo
Que vi romper?

Não tens já raio,
Que me descreva
Se é luz ou tréva
O meu penar?

Não tens já lagrima
N'esses teus olhos,
Que meus abrolhos
Venha esmaltar?

Folhinha d'hera,

Duas violetas,
Que me remettas
Do teu jardim?

Não tens já rastro,
Nuvem de graça,
Que se desfaça,
Por sobre mim?

Lirio dos campos,
Não tens já folha,
Que o vento escolha
Para me enviar?

Mar de saudades,
Não tens ondina,
Que minha sina
Venha buscar?

Não tens delirio?
Não tens saudade?

Não tens metade
Do meu ardor?..

Quebraste a penna,
Que respondia?
Sol do meu dia,
Astro d'amor?

Abril, 1870.

LUZ D'ALMA

Vês o sol, que tão velado,
Sendo ha pouco claro e nu?
O dia quasi apagado?..
Pois nem assim me hão provado
Ser um o sol, e não tu.

Nunca, ai, nunca! n'esta vida
Ha dois soes, e, o principal
Dos meus, és tu, luz querida!
Que minha alma tens pendida
D'um teu raio divinal!

Dois astros são: um luz d'alma,
Da terra o outro, e do céu:
Áquelle cedi da palma,
Porque, ai! mais, bem mais me a
Que esse outro que ora tem véu!

O meu sol és tu: os dias
Que me outorgas curtos são,
Para amar-te, qual devias
Ser amada; tu valias
Sempre arfante um coração!

Janeiro, 1870.

PROCELLA

Ralha, ronca o trovão, o raio estala
A rocha, que rasgando vai a terra;
Dos serros rompe som, que rouco aterra,
Rugindo, a rama rispida se rala.

O mar com rude voz rompante falla,
Arrombam rugas mil o gelo á serra,
Rouquenhos e raivosos rusnam—guerra!
Os eccos que arripiado o perro exhala.

Com raro, estranho jorro o chão rocia
Róta de veus rorantes... oh! procella!
Tambem nos teus rolheiros ha poesia!

Nem só em céu d'anil rutila a estrella;
Porque eu nem aqui deixo, oh branda Armia,
De recordar teu rosto, rosa bella!

SAUDADE

Porque amar-te me delira,
Seraphim?
Quando tudo te suspira,
Te ama, emfim?

Quando as faces te aspiraram
Rosas mil?
Quando as graças te orvalharam,
Flor d'abril?!

Quando á briza suave e mansa
Cabe, flor!

Oscular-te a loira trança
Com ardor?

Quando a Dea, Venus Flora,
D'alto céu,
Em teus olhos se namora,
Fasto meu?!

Quando a neve requestára
Ser marfim,
Porque d'elle se lavrára
Collo assim?!

Quando o argento sente zelos
Do ouro, flor!
Porque alfaia teus cabellos
Sua cor?

Quando zelos sente a lyra
Da oração,
Que á flor dos labios te espira
Em canção?

Quando o pomo tem ciumes
D'aquelle ar,
Que respiras em perfumes
No pomar?

Quando humano até quizera
Ser o leão,
Se na grenha lhe correra
Tua mão?

Quando quebra o hirto espinho
Seu rigor,
Presentindo teu pésinho
Sobre a flor?!

Quando... tudo te suspira,
Te ama, emfim,
Porque amar-te me delira,
Serafim?

Dezembro, 1869.

A' MARGEM DO CAVADO

Eis baixo ao valle...eis entro o augusto bosque...
Que scena encantadora!

ALFENO CYNTHIO

Espelho do meu céu, como é suave
Um ai juntar ao som de tuas agoas!
Olhar com vista grave

Teus valles, quando o peito ralam mágoas!
Fallar assós, gemer, carpir tormentos
Aos suspirosos ventos,
Aos prados redolentes;
Vergeis, campos virentes,
De languidas boninas estelliferos,
Que, as curvas serpeantes
De teus crystaes cerúleos e argentiferos,
Descrevem tão galantes!
Que olfato!.. Que fragancia aqui respira
Quem geme, após que o ai na bocca espira

Paremos aqui, pois, angustias minhas!
Sentemo-nos nas languidas hervinhas.
Aqui chorar é doce, oh meu tormento!
—Saudade! amargo alento
De quem separações, chorando, rala!..

Saudade! o que te embala
No peito ao infeliz? que vens de encant(

Fruir, quando severa, sem disvelos,
Inundas teus cabellos
Nas bagas do meu pranto?!

Oh! porque vens, saudade, aqui trazer-me
D'amor baldada imagem, quadro vão?
Se a sombra da visão
Não póde ouvir meus ais, não póde ver-me?

Gemei, gemei commigo,
Oh lymphas que passaes.
Só tu, Cávado amigo,
Acolhes os meus ais!..

Ah! se no som, que, a longe, brando levas,
Um ai tu me prenderas, e o levasses
Até onde avistasses
O facho, que aniquila minhas trevas,
Talvez que a espirar chegasse ainda
Em *seus* labios de flor rorida e linda!..

Dizei-me, agoas d'argento murmurosas,
Se além a sois beijando
Agora, como quando,
Em tardes tão saudosas,
Commigo ella vagava n'estes valles;
Quando eu manso, com timido carinho,
Da mão fazendo calix,
Banhava seu pézinho
No limpido crystal que então manava,
Em quanto ella, serena,
A testa e os cabellos me osculava!

Dizei-me se ella folga como d'antes
À margem doce e amena,
Ás orlas verdejantes
Do vosso airoso leito!
Dizei-me se inda amor lhe embala o peito,
Como quando commigo assós se achava,
Que amor a desmaiava



Em laços estremosos...
Dizei-me se, sem mim, crystaes saudosos,
Tece ainda grinaldas
De lirios e boninas;
Sem mim, que ia colher-lhe nas campinas,
Ainda aljofarados de esmeraldas,
Os ramos pretendidos!
Que depois mutilava meus cabellos
Para prisões e elos
De seus floreos tecidos!

Dizei-me se inda á sesta
Descança a face nivea sobre a relva;
Hora apressada esta
Em que eu de valle em selva
Corria desvairado em busca d'ella...
Quando depois a vinha achar tão bella,
Dormindo somno leve!
Arfante o collo seu de viva neve,

Aonde, ás auras dada,
Lhe balouçava a trança auri-rosada.

Oh! ditoso de mim! oh, rapida hora,
Em que eu, de contemplal-a, delirava!
Chegar-me junto d'ella nunca ousava,
Se o delirio d'amor nunca me fora!

Que assim tão linda era.
Se aquelle val podera
Boninas germinar de tanta vida,
Diria que era rosa adormecida
Pelo néctar que o céu chorado houvera!

Porém nunca tardava que acordasse.
Eu ia lentamente
Beijar-lhe a nivea face,
Compor-lhe a trança linda,
E o collar refulgente,
Beijar, roçar ainda

Meus labios pelos seus, ella espirava
Do somno languente,
Que de sonhado amor lhe amor doirava.

E já, qual branca pomba que estendia
Coberta aza de neve pelo espaço,
Ás brizas outorgando seu regaço,
A neve no meu hombro derretia
De seu candido braço!

Revolvendo seus olhos ameigados
Aos meus, que já bebiam a luz pura,
O facho da candura!

De assim ambos fitados
Breve tempo corria:
—Eu prestes a vencia...

Ah! prestes a seus labios adejava
O enlevo de minha alma n'um sorriso,

De cuja graça tanta agora pizo
Espinhos, que o amor nem ver deixava!

Oh! que céus os de então, que sol de encanto:
Que luz tão doce e pura!
Correi agora, meus sentidos prantos,
Matutinos orvalhos da tristura!

Prestar agora aos céus justa homenagem!
—Viver! se vida me é viver sem ella!
Agora, sem o sol da sua imagem,
Meus olhos que não mais vistes estrella!

E tu, oh sol, n'esses dias
Porque tão breve passaste?
Porque no céu não paraste,
Se então mais loiro fulgias?
Tu, que, quando nos beijavas,
De namorado, quebravas
Os raios da tua luz!

Tu, que, filtrando arvoredos,
Ouvias nossos segredos...
Oh! tu, que dias tão ledos
Nos outorgavas a flux!..

Vai, vai pedir ás praias do occidente
O tempo, que lá guarda nossas flores!
E vem c'roar de novo o meigo oriente,
—Voltemos ás manhãs de teus fulgoı

Não mais te o oriente abriu as portas
Luzido para mim,
Depois que no occidente jazem mortas
Minhas aureas estrellas, que, absortas
Do tempo, deram fim!

Em balde agora os olhos no céu fito,
Que não as vejo, eterna sendo a noite!
Em balde ao bosque e ao val solto meu grito...
Que nem bosque nem val meu grito acoite?

—Porquê?—me diz no seio a ancia turva,
Que a bocca exhala em ais!
Porquê? se a flor do val se tambem curva
A beijos celestiaes?

Que assombre a flor funereo, alto cypreste,
Que a flor tem coração!
A flor adora a lagrima celeste,
O néctar da manhãa!

E a mariposa cega, que o destino
Creou só para a flor,
Vaguêe em torno á lâmpada sem tino,
Sem pouso adeje a amor!

Outubro, 1860.

[redacted]

DESLUMBRAMENTO

Á luz dos olhos teus :
Eu vi a vez primeira
Abrirem-se-me os céus :
—Eu vi-te feiticeira!

Má luz, porém, concentra
Um breve olhar...Escuta:
Vai tu d'um val, e entra
No fundo d'uma gruta...

Aquelle olhar, de leve
Que m'o volveste a mim,
Foi d'uma luz tão breve,
Que me assombrou assim!

Turbaram-me teus olhos,
Nem mais os vi, oh linda!
Naufrago em mar de escolho
Por luz os busco ainda!..

Cego, não topa o guia
Aquelle naufragante;
Caminha noite e dia
Tetrico, exhausto, errante!

Mas se ora um teu lampejo
Viesse radiar
No pranto, que gotejo,
Fruto d'aquelle olhar,

Talvez que a luz me dera,
Meu sonho de furor!
Manhã de primavera,
Rosa de casto amor!

Julho, 1869.

EXILIO

[illegible]
[illegible]
[illegible]
[illegible]
[illegible]
[illegible]
[illegible]
[illegible]

[redacted]

Foi Deus? Não. Deus não se excede
No que faz, mas tu, meu bem,
Tens essa luz que o sol tem!

Serás de Deus a pupilla?..
Talvez. Esse brilho teu
Será por Deus enviado
A provar o poder seu!

Esse brilho que em torrentes
Se derrama sobre ti:
Hontem bella, hoje mais bella,
Logo... qual nunca te vi!

Serás tu ethérea rosa
Lá do celeste jardim...
Se acaso és, parte, sobe
Ao céu, que rosas assim

Cá na terra não encontram
Vaso, que possa reter

Lindezas taes; que é só vel-as,
E prestes enlouquecer!

Desse olhar um só volver
Tem uma tal expressão,
Que incendea o coração
Esse olhar quando se fita!

A bocca fresca e bonita
É como a abrir um botão,
Que as perolas vai mostrando
D'aurora, que está raiando.

O pé parece rolando
Uma folha pelo chão;
Ou se já viste saltando
Junto do lago um saltão,
Avalia a graça, então,
Que esse teu pé leva andando!

A mão tão branca, é a mão
De cera, que a gente, quando
Tem alguma devoção,
Expõe no altar venerando.

Breve a cinta. O collo brando:
Junto d'uma outra maçãa!

Mas... ah! que foi? já te cança
Um cruzar d'olhos sem mal?
Não vês tu da mansão justa
Namorar-se a lua mansa
Nos lagos do nosso val?
Pois, diz, amor, que te custa?

Por tão pouco tuas faces
Inunda o casto rubor!
Tu sorris... ai! quem te excita
Sorrisos de tanto amor?

Sou eu ?.. eu não, que inda longe
Vejo o céu, e o céu não é
Para quem de tão só vel-o
Perdido e louco se vê:
—O meu céu és tu, e foges,
Pois, o céu p'ra mim não é!

Maio, 1869.

[redacted]

A LUA

Luz tão grata!
Sol de prata,
Já tranquillo se retrata
No meu rio de crystal.
—Vens acaso, oh luz saudosa,
De oscular a face em rosa
Do meu amor?.. entra o val.
Filtra... filtra este arvoredo...
Espelha aqui n'esta fonte
Tua fronte...
Vem sem medo.



Mais... assim. Falla-me agora
Se acaso...ai, céus, que a não viste!
Esse olhar pallido e triste
Traz metade
Da saudade
Que me afaga e me devora!

Janeiro, 1870.

Dá-me o thesouro
Do teu amor,
Que eu dou-te o ouro
Do meu valor.

Dou-te hora a hora
Meu cru viver...
Ai, nunca: fôra
Ver-te morrer!

Mas dou-te os dias
Em que te vir,
Breves magias
D'acre porvir.

A luz que chora
Por sobre mim;
Gotta d'aurora
No abrolho em fim!

Dou-te os meus olhos,
Toma-os, amor!
Mas... não, que abrolhos
Só viras, flor!

Dou-te a anciedade
Do peito meu;
Dou-te a saudade,
Anjo do céu!

Meus braços dou-t'os,
Dou-t'os, mulher!
Que sempre afoutos
Te hão-de valer.

Ah! toma um beijo...
Fogo, talvez...
Mas não, que o pejo
Te banha a tez!

Dou-te o meu fogo,
Sim, dou-te o ardor
Em que me afogo
Por teu amor!

Os meus cabellos,
Que baços vês...
Na infancia bellos,
Loiros talvez!

O sol primeiro
Dos dias meus:
Dólo fagueiro
Que vi nos céus!..

De mais que preste
Não tenho eu,
Lirio celeste,
Anjo do céu!

Novembro, 1869.

BRADO

Senhor! Senhor! se o teu fanal divino
É sol de tanta luz,
Porque não ha doirar o meu destino,
Oh Pai! Oh Christo! Oh Cruz! ?

Se eu cá tambem nasci no mundo, e existo
Debaixo do teu sol,
Se eu sou tambem teu filho, oh Deus! oh Christo!
Doira-me um arrebol!

Rasga-me essas montanhas surdas, negras,
E lá no fim, no fim,
Mostra-me a cruz, oh Pai, que inda me alegras,
Mostra-me a cruz a mim!

Eu tenho a minha luz quasi apagada,
    E tu és pai d'amor!
«A luz, bradaste, faça-se»... Pois brada...
    A minha luz, Senhor!

Oh vida, que és um lago, corre agora,
    Transpõe os meus ardores,
Por onde um rouxinol ao vir d'aurora
    Modilhe seus amores!

Gosto de ouvir á sombra apetecida
    Os hymnos matinaes!
Eu sinto, eu quero amar, oh lago, oh vida,
    Expande os teus crystaes!

Brilhe-me, emfim, n'um raio matutino
    O sol da immensa luz!
Doire-se a via, emfim, do meu destino
    Oh Pai! Oh Christo! Oh Cruz!

Junho, 1870,

TEUS OLHOS

Thereza, teus lindos olhos
São inconstantes na côr;
Mas assim são mais formosos,
Fallam assim mais d'amor!

Revelar sabem saudades,
Tristuras sabem dizer;
Retratam as minhas magóas,
Espelham o meu soffrer.

Se por sobre mim a esp'rança
Vem por momentos pairar,
Parecem-me côr do prado,
Teus olhos são verde-mar!

Se visões, sonhos mentidos
Alegram meu coração,
Parecem-me quasi negros,
Teus olhos castanhos são.

Se dolorosa tristura
Sombrear meu rosto vem,
Parecem-me côr das trevas,
Que de inverno as noites têm.

Se vem pungente saudade
Habitar o peito meu,
Parecem-me de saphira,
Parecem-me côr do céu.

Porisso, são mais formosos,
Fallam assim mais d'amor,
Thereza, teus lindos olhos
São inconstantes na côr.

Abril, 1869.

A * * *

Que tão doirada, filha, a noite d'hontem!
Não cabiam no céu tantas estrellas!
Na terra andavas tu—uma d'aquellas
Doirando o meu amor. E eu disse—côntem

Meus olhos as do ár: qual a mais viva,
Que em brilho, em luz egualle esta na terra?
Olhei-te a ti, senão quando me encerra
Um teu só riso a luz e o céu, oh Diva!

E eu desatinei, sim: eu nem via
O que era alli... mas, ai! que inda me enleva
O céu que era um jardim! E a propria treva
Á luz do teu olhar desparecia!

E á mesma luz se desmaiara a lua.
Nos teus olhos abriam-se-me os céus:
E dos anjos que via, gemeos teus,
Ouvi santas canções—era a voz tua!

A luz que me alumia é d'oiro, é flava,
Depois da noite d'hontem, que era um dia!
Brilhe-te a ti a luz que me alumia...
Mas ai, que eu delirei, eu abrazava!

Não me apareças mais, canto de cysne!
Mas não védes meu sol... ai que tormento!
Se m'o toldas, eu vago em desalento!
Se m'o descobres, fazes que me eu tisne!

Maio, 1870.

SONHO

Eu vi-a: estava dormindo,
D'amor fallando e sorrindo,
Que eu bem vi:
Comigo talvez sonhando,
Talvez sorrindo e fallando
Para mi.

Tinha o rosto descançado
Sobre o candido, nevado
    Collo seu!
E os tão doirados cabellos
Entregava-os aos disvelos
    De Morpheu!

Seus lindos olhos cerrados
Eram dois astros toldados...
    Ai de mim!
Inda assim vi-os tão bellos,
Que estava louco de vel-os,
    Inda assim!

Alvos dentes ver deixava
Quando, sonhando, fallava
    De vagar...
Mas...vou contar: quem dormia
Era eu: sonhando, vi-a
    A sonhar!

[redacted]

Não sei se mesmo acordada
De lindeza é tão fadada,
Como então!
Nunca vi rosa tão bella
Entre os lirios da capella
Assim, não!

Acordou, quando um desejo
Se me esvaía n'um beijo,
Que lhe dei!
—Tal eu estava sonhando...
Ai, de mim! eis tambem quando
Acordei!

bril, 1869.

O TEU CRAVO

Com o cravo que me déste
Um affecto traspassei,
E após com elle cravei
O meu peito, anjo celeste!..
Ai, Leonor!
O cravo tinha veneno;
Era um encanto sereno,
Era amor!

Meu peito filtrando a haste,
Corrompeu-me o coração:
Deu-lhe uma estranha paixão,
Valor que tu lhe insinuaste.
Ai, Leonor!
O cravo tinha veneno;
Era um encanto sereno,
Era amor!

Foi talvez um teu sorriso
Que entre as folhas se escondeu,
Nas folhas do cravo teu
Vinha occulto um paraizo...
Ai, Leonor!
O cravo tinha veneno;
Era um encanto sereno,
Era amor!

De teus olhos a luz viva
É dos meus agora a luz,

Farol que só me reluz
Ao ver na terra uma Diva !..
Ai, Leonor !
O cravo tinha veneno ;
Era um encanto sereno,
Era amor !

Eu sei, eu sei que perdido
Desde então por ti fiquei !
Se o amor julga por lei,
Foi mui severo Cupido !
Ai, Leonor !
O cravo tinha veneno ;
Era um encanto sereno,
Era amor !

Cupido julgou meu crime,
E a penna ao chão atirou ;
Matar-me ao certo mandou

Por este ardor que me opprime!
Ai, Leonor!
O cravo tinha veneno;
Era um encanto sereno,
Era amor!

Agora, quando te vejo,
Perco de todo a rasão;
E sinto meu coração
Embalar-se n'um desejo...
Ai, Leonor!
O cravo tinha veneno;
Era um encanto sereno,
Era amor!

Agosto, 1862.

Suppõe que eu tenho um lago
Aqui ao pé de mim:
Que assolação, que estrago
Me póde dar emfim

Chegar-me junto d'elle,
E, n'um momento... zaz:
Beber; pois quem me impelle
Quem, que-me diz—não vás.—?

Ninguem: se a agoa é pura,
E a fonte aqui ao pé,
É justo que a aridura
Se extinga, pois não é?

Porisso, dá-me um beijo!
Que tem um beijo? dóe?..
Tu córas... que gracejo!
Amor, isso que foi!

Vá pois! a tua bocca
A beijos só nasceu...
Assim, meu anjo, toca
Um osculo! Olha, o céu

Parece que vacilla
D'amor... por ver, talvez,
Que em rosas se distilla
O mundo a nossos pés!

Mais outro!. Gostas?. Olha:
O beijo sabe á flor!
E a tua bocca molha,
Tua bocca tem frescor...

Parece flor, que a aurora
Beijou nos campos... ai!
Não! flor nunca ella fôra,
Porque da flor não sai

Um hálito tão brando;
Perfume assim tão bom;
Nem mesmo a rosa, quando
Se embala, faz o som

Que tu agora fazes,
Quando n'um beijo... vês?
Tão estrellado trazes
O céu a nossos pés!

Nem mesmo a briza geme
No monte arido e nú...
Nem mesmo a flor retreme
Suspiros como tu...

E assim tão meigamente,
Olhando já o céu!
Quando mais fortemente
Te aperta um laço meu.

Que a flor, se se ha prendido
Nas hervas, murcha e cai,
Sem dar um só gemido,
Sem dar um frouxo ai...

Um beijo mais! sim, toma
Neste osculo d'amor,
A minha vida, aroma
Que briza leva, flor!

Mais outro! assim! Deliro!..
Conchega os labios teus,
Que passa um meu suspiro
Para o teu seio... Adeus!.

Podéra mais ternura
Levar-me á perdição!
Fonte de beijos pura
Gelar minha rasão!

Setembro, 1869.

NO VAL

Açucenas do val, lirios amenos,
Vós, que, por brandos zephiros serenos,
Beijos ao meu amor mandaes, mil beijos,
Um suspiro incluí a meus desejos.
E se com outras flores
Longe tendes, além vossos amores,
Dai-me que nivea folha
Por levar-lhes de vós, em vós escolha.

Agosto, 1870.

THEREZA

Agora vi-te aos raros da janella,
E disse para mim—Que linda Freira,
Se professara!—Ai, perola, Deus queira
Conservar-te na flor que engastas bella!..

Mas tu noiva dos céus... eu tinha zelos
Da propria ara, que a oração te ouvisse!
E antes lá pôr quizera meus cabellos,
Por ser o noivo então, se te lá visse!..

Ah!.. não sabes..? suspendo agora a escripta,
Porque uma borboleta branca toda
Anda da minha luz á roda, á roda...
Perdão... vou apanhal-a: é tão bonita!

Mas que quer dizer isto? A mariposa
Traja de noiva, e busca a minha luz!
Depois poisa-se em mim... Jesus! Jesus!
Poisa-se em mim depois... eu não sou rosa!

Junho, 1870.

PRIMAVERA

Salve, grata Primavera,
Estação meiga e feliz!
Que, com teu almo bafejo,
Vens dar vida ao meu paiz.

Em tudo já resplendece
O teu manto creador:
No bosque mudo, na serra,
No céu, no campo e na flor.

Toda a terra se recama
De graças, bellezas mil!
De crystal parece o rio,
O céu parece d'anil!

Rebenta fulgido lirio
Entre as rosas terreaes,
Ora fechando, ora abrindo
Suas folhas virginaes.

Salta louca a mariposa,
Osculando rubra flor,
E seus beijos são mais caros,
São como beijos d'amor.

Presumpçosa toutinêgra,
De ramo em ramo a brincar,
Vem nas agoas do regato
Sua imagem namorar.

Quando a aurora banha a esphera
Em seu rúbido fulgor,
Aljôfar mais crystallino
Se desliza sobre a flor.

Á tarde, quando o sol-posto
Forma dubios arreboes,
Pelas varzeas do ribeiro
Gorgeam mais rouxinoes.

Quando a noite desenrola
Seu tristonho e negro veu,
Estrellas com luz mais viva
Marchetam, bordam o céu.

Que fragrancias, que perfumes
Traz comsigo a viração!
Que por lyra toma o ramo
Para cantar a estação!

Como languida e saudosa
Chora a fonte do azinhal,
Entregando a nova briza
Leves gottas de crystal!

Tudo canta—Primavera!—
Estação meiga e feliz!
Que, com seu almo bafejo,
Vem dar vida ao meu paiz!

Abril, 1869.

[redacted]

AMOR

Em que meditas tu, languida rosa,
N'essa postura, assim?
Os olhos porque, tão silenciosa,
Mortaes, cravas em mim?

Teus olhos... ai! porque ora os baixas triste,
Ora os fitas no céu?
Voar já cuidas tu... ah tu sorriste!
Julguei... foi sonho meu...

Foi sonho, foi: perdão! amor tão louco
Traz sombras, e tão más...
Ai curva, curva a fronte mais um pouco....
Assim... que linda estás!

Um pouco mais; sim, vá! das tranças uma
Nos hombros ora a dár,
Ora enlaçando o collo d'alva espuma,
Mais alva que a do mar.

Que linda! Nunca *Ignez posta em socego*
Prestára enlevo igual
Ás boninas que cercam do Mondego
O limpido crystal!..

Curvada a fronte ao chão, que a face córa...
Mais um geitinho, vá!
Um ai agora mais, suspiro agora,
E a mim os olhos já!

Ai! luz, facho que n'alma te insinuas,
Olhar... celeste olhar!
Eu n'alma tenho um mar, e tu fluctuas
Na face d'este már!

Janeiro, 1870.

As lettras que escreves,
Relidas por mim,
São canticos breves
D'algum seraphim!

Não é mais suave
A trova louçã,
O módulo d'ave,
Ao vir da manhã!

Em que mimo anceio
[illegible]
[illegible] no seio
A [illegible] que [illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]
Um [illegible] que [illegible].

A fonte, que escôa
Torrente caudal,
Mais grata não sôa
No centro do val!

Um beijo materno
Não tem mais amor,
Não canta mais terno
Dos labios á flor!

São canticos breves
D'algum seraphim
As lettras que escreves,
Relidas por mim!

Junho, 1870.

Em que intimo anceio
Por ti, ai, por ti!
Me eccoava no seio
A carta que li!

Mas... ah! que a saudade
Tem goso, se é dor!
Fallou com verdade
Famoso escriptor!

As linhas, que lança
A tinta que pões,
São fios da trança,
Que aos ventos expões!

Sussurro de penna,
Que traça tão bem,
É falla que amena
Os *eccos* que tem!

A fonte, que escôa
Torrente caudal,
Mais grata não sôa
No centro do val!

Um beijo materno
Não tem mais amor,
Não canta mais terno
Dos labios á flor!

São canticos breves
D'algum seraphim
As lettras que escreves,
Relidas por mim!

Junho, 1870.

SE CHORAS

Chora a flor, se fresca aurora
Sobre as pétalas lhe chora
Seu crystal;
Chora a rôla, se perdido,
Ouve chorando o par q'rido
Pelo val.

Chora o penhasco, se ao cume
Altiva onda lhe assume
Seu fervor;
A chorar eu só me atrevo,
Se tu choras, meu enlevo!
Meu amor!

Chora a serra congelada
Torrente alva, derramada
Pelo céu;
Eu só choro, se tu choras,
Fulgor das minhas auroras!
Anjo meu!

Junho, 1869.

NO CAMPO

Oh, quanto é grato um passeio
Entre amenos laranjaes!
Viração que agora passas,
Leva comtigo meus ais.

Longe, a longe minhas mágoas,
Onde as nem possa escutar.
Oh, como é bello ao sol-posto
Vir pelos campos folgar!

«Quem tem amores suspira»
Que o diga agora o rifão:
Eu no regaço dos campos
Darei folga ao coração.

Saudades transpõe o rio
Co'a folha do salgueiral,
Suspiros rala-os a fonte,
Que os meus já ficam no val.

E se a fontinha suspira,
Que ao val estenda os crystaes.
Oh, quanto é grato um passeio
Entre amenos laranjaes!

Rouxinol que venha agora
Ternos amores cantar;
Metta meus ais no seu canto,
Que eu nem já sei suspirar.

Aqui, na sombra hospedeira
Ha só verduras e flores.
Rouxinol que vás cantando,
Canta tambem meus amores.

Mas o feliz passarinho,
Do alto ramo onde poisou,
Deita uma folha á corrente,
Que os ais tambem lhe levou.

Pois com a folha lá partem
Da mesma sorte meus ais.
Oh! quanto é grato um passeio
Entre amenos salgueiraes!

Agosto, 1870.



FABULA

O lago azul d'além, deixando o leito,
Manou junto das fraldas d'um rosal;
E á margem que deixou fez antes preito
Levar-te, Julia minha, em seu crystal.

Espelhando um jasmim gentil, lascivo,
Eil-o espelhar suppõe o rosto teu:
Sem reflectir no que reflete, altivo,
Volteia para o leito que esqueceu.

Montanhas não encontra, turvo mana,
Saudoso já do valle que o atrai;
E louco presumindo a gloria insana,
Da brenha aos agros chãos dizendo vai:

'Deixai que eu passe válido,
Oh chãos da brenha intrepida,
Que levo a face tepida,
Que levo o rosto pallido
Da Julia branda e lépida.'

E eil-o inunda a relva que tapiza
De seu languido ninho o floreo val,
Inchado entra alli; porém a briza
Lhe acorda no tremente salgueiral:

'Que trazes, louco, ai! louco, que buscavas
Debaixo do jasmim parado além?
Julguei, passando alli, que doudo estavas
Da flor que te prestava só desdem!'

Findou como eu me fino
O lago crystallino
Do val;
Em sonhos que me inspiras,
Visões d'aureas mentiras...
Qual, tal.

Setembro, 1869.

ELLA

Era um anjo a donzella
Que eu amei do coração,
Que sonhei antes de vel-a,
Que idolatrei em visão.

Eu vi-a no azul do espaço,
Eu vi-a no pôr do sol;
No florir da primavera,
No trinar do rouxinol.

Vi-a n'uma e n'outra estrella,
Vi-a n'uma e n'outra flor,
Vi-a n'um beijo materno
E n'um suspiro d'amor.

Vi-a na candida pomba,
Vi-a nos lirios do val,
Vi-a nas sombras da tarde,
Vi-a na luz matinal.

Vi-a na perola nivea
Que engasta a folha e a flor;
Vi-a nas agoas da fonte
Aos arreboes do sol-pôr.

Vi-a em tudo que ella via
Com a infantil isenção.
Era um anjo a donzella
Que eu amei do coração.

Era uma flor da campina,
Era uma rosa do val:
O sceptro da minha terra,
A c'roa do meu rosal.

Era o zephyro da tarde,
Era a briza da manhã;
A viração do sol-posto,
A nocturna viração.

Era uma folha aboiada
No meu rio de crystal,
Era uma rosa embalada
No collo do vendaval.

Era o bafo que respiro:
Norte que a praia me deu,
O enlevo da minha vida,
E a vida do peito meu.

Era o beijo que me dava,
Era a vista que lhe eu puz,
Era a trova que lhe ouvia:
Chamma e luz da minha luz.

Não sentisse eu a saudade
Que agora sinto de então!
Era um anjo a donzella
Que eu amei do coração.

Abril, 1869.

SOMBRAS

Aquelle teu sorriso foi a ave
Que me trouxe este amor, ave tão linda,
Sobre as azas da qual eu subo ainda
Áquelle céu que contemplei tão grave!

Os teus suspiros, filha, que harmonias!
Que lépidas sonancias! bem fingiam
Os zephyros subtis, quando ciciam
Nas tuas tranças loiras, luzidias!

Tua voz era o cantar das andorinhas
Nos mastros do navio que marêa
A trazer-nos á patria, ou a serêa
Que nos perdêra atraz... ai, prisões minhas!

O olhar... nem sei: se teus olhos um dia
Fitares na agoa, vê que olhar *fitaste*;
E dize, meu amor, se não lhe achaste
Um não-sei-quê de mystica harmonia!

Houvéra de dizer que o céu chovia
Estrellas que eu bem-disse, e tu contaste
N'esses beijos d'amor que me guardaste,
Se tu alli não fôras—que és o dia!

Teus olhos são agora dous brilhantes
Que nos meus engastou um teu sorriso,
Firmados já com beijos delirantes.

Com elles mais sereno ora diviso:
Á noite um céu de estrellas rutilantes,
De dia a ti, e em ti o meu paraizo!

Ai! amor, que saudades vêm passados
Aureos momentos breves, mas eternos
No lembrar d'esses beijos caros, ternos,
No recordar de instantes tão doirados!

Agora, ao pôr do sol eu firmo o braço
Sobre um joelho e a fronte n'elle tomo;
E vou cahindo manso e manso, como
Se aqui tivera ainda o teu regaço!

Que negra a solidão, quando se adora!
Que triste amor não é, quando o sol-posto
Manda em brizas d'amor beijos ao rosto
Que só então abraza e chora, e chora!

Ah! que inda as mãos te sinto de mansinho
Correndo o meu cabello desgrenhado!
Disfruto inda o teu collo delicado
Junto do meu a arfar de vagarinho!

Eu vejo as tuas tranças inda ondeando
Ao vento desse amor que a noite dava!
Eu palpo inda a mais lúbrica e mais flava
Que em meu pescoço após ia enroscando!

Ouço ainda os teus ais amortecidos
Que suffoquei com beijos cego e louco!
Inda escôo um suspiro pouco e pouco
Travez dos labios teus humedecidos!

Inda sorvo os teus beijos! aperto inda
O teu pulso agitado, e a mão tão branca!
Inda *esta nos* meus labios ora estanca
A confissão d'amor que ia tão linda!

Inda ouço os rouxinoes d'aquelle instante !
Apanho inda uma flor que então cahia
Da tua aurea grinalda luzidia,
Á luz d'aquelle céu pouco distante!.

O céu d'aquella noite inda me brilha.
Que linda estávas tu ! como serena
Me osculavas a testa ! eu tenho pena
De não morrer alli, oh ! minha filha !

Morrer alli : teria por sanctuario
Os olhos teus, por campa esse regaço
Que abracei desvairado, e que inda abraço
No sonho jovial, magico e vário !

E eu vou cahindo manso e manso, como
Se aqui tivera ainda o teu regaço !
Agora ao pôr do sol, que firmo um braço
Sobre o joelho, e o rosto n'elle tomo !

Adeus, meu infantil sonho doirado!
Adeus, brinco d'amor! adeus saudade!..
Meu bem estar... adeus, cara metade
D'esta alma que hei comtigo partilhado!

Aurora do meu dia que amo tanto!
Beijo que dás! abraço que inda apertas...
Não sei onde expandir fontes abertas,
Leão cego d'amor guarda o teu pranto!

Junho, 1870.

Arquiva bem na memoria
Esta adivinha, e define-a:
—*Eu* sou *Paulo* e tu *Virginea*
D'aquella tão lida historia...

Eu sou *Paulo* em coração!
Tu és *Virginea*, serás;
Mas, olha, o pobre rapaz
Bem mais que ella amava então!

Ouvisses tu como eu digo
«Amo-te muito» assim, quando
Vou teus passos continuando,
Feito servo de mendigo!

Que se ouvisses, se escutasses
Então, dos meus um só ai,
Que aos labios só se me esvai,
Quando o pranto é já nas faces,

Tu... (perdão!)—Estou a ver-te
No delirio d'um carinho,
Correndo as mãos de mansinho
Pelo meu cabello inerte!

Tinhas dó de certo: és anjo!
És mulher—vergontea... lirio!
Nem és tu p'ra só martirio,
Cruz santa que ávido abranjo!

A cruz d'amor é pesada,
Mas tem seus braços abertos:
A palmeira dos desertos
Dá tambem sombra á levada!

Março, 1870.

A ROSA

No mato
Ha rosas
Sem trato,
Mimosas :
De mais linda côr
Que os niveos jasmins,
Que o lirio, que a flor
Dos nossos jardins.

No céu,
Estrella
Sem véu,
Mais bella:
De luz mais suave,
Mais grato fanal,
Mais doce, mais grave
Que a luz matinal.

Por mim
O cri:
Não vim
Aqui,
No valle, colher
Veludos, alfaias:
A rosa é mulher;
Mas, flor, não tem saias.

Eu gosto
De vir,

Sol-posto,
Cahir
No brando consolo,
Na sombra feliz,
No languido collo,
Do molle tapiz.

Porquê ?..
Bem claro
Se vê
Que é raro,
Sol-posto no val,
Faltar a ceifeira,
Vermelho o avental,
Pendente a algibeira.

Eu amo
A flor
No ramo

D'amor.
Morena ceifeira
Seduz na romagem,
Co'a leve roupagem
Que tem domingueira.

Ninguem
Viu inda
Cecém
Tão linda
Na flórida vela,
Ao vir da manhã:
A dhalia é louçã,
Mas nunca tão bella!

Que o mato
Tem rosas
Sem trato,
Mimosas:
De mais linda côr

Que os niveos jasmins,
Que o lirio, que a flor,
Dos nossos jardins.

Agosto, 1870.

LAMENTO

Esse ouro, que se escôa
Em perolas d'aljofre,
D'um peito vem que soffre,
D'uma alma vem que é bôa!

Tu sentes a saudade,
Eu mais—sinto o remorso!
E o fogo em que me estorço...
—*A tua* lealdade!

És anjo! és: ocultas
O pranto que te alvora...
Ai,—lagrimas d'aurora
Em flor nunca sepultas!

Aréola de graça
Que, em céus de puro azul
Do norte para o sul
Passou, nunca mais passa!

Mulher! mulher! expande
Por alto os olhos teus!
São graudes estes céus...
E...Deus tambem é grande!

Janeiro, 1870.

ALVA

Oh! graças, que lá vem tingindo a esphera
O rórido fulgor da linda aurora!
As lagrimas do céu, luzindo agora
Por sobre o manto em flor da primavera,
Lembram-me as perlas no virgineo seio
Da minha amada, quando,
Os ais lhe suffocando
Em cego, avido enleio,

Lhe parto o fio do collar gemmante.
Oh! como vem radiante
Hoje de Phebo a precursora bella!

Já do nativo dia
Amortecida estrella
Dá parte ao mundo e ás aves.
Agora d'estas os requebros suaves,
Os gorgeios da candida harmonia
Se partem dos outeiros:
A luz retorna aos valles
O aspecto d'alma Flora;
De novo abre seu calix
O lyrio dos canteiros,
E os ramos, onde o céu, surrindo, chora,
Por tépido favonio balouçados,
Parecem cortejar a nova aurora.

E como é bello contemplar verdores!
E como é doce respirar perfumes
Nos verdes campos, onde
Os balsamos d'aurora, quaes os lumes
Que o céu agora esconde,
Emperlam ramos, adereçam flores!
Mais grato aqui suspira fresco rio
Uns languidos amores;
A fonte, derramando
Treme-luzente fio,
Soluça mais saudosa;
E o euro, que mais brando
Adeja em torno á rosa,
Mais tardo rouba folha que mistura
As lagrimas do céu com as que eu choro.

E eu choro de prazer, e porque gosto
De juntar um suspiro ao som canoro,
Aos canticos da lépida candura!

. . . .

. . . .

Campo aqui deixo. Á margem o recosto
D'alcantilado monte vou subindo...
Por entre pinheiraes, oh! como é lindo
O matinal passeio!
Eis novo mundo... eis pródiga planura!
Já vejo augusto bosque, abrigo e seio
Ás aves mestas, aos nocturnos mochos,
Que, em quanto leda folga mariposa
De em torno a lirios roxos,
Vergonhosos se embrenham na espessura.

O valle agora... e preste a sarça escura
Transpondo vou a custo.
Mais eis que aspecto augusto
Me aqui detem—Do monte enxergo a crista!
Agora estendo a vista,
E novo mundo abranjo ;

O espirito é um anjo
Que os céus d'aqui investe;
A abobada celeste
Supponho, cuido perto...
Que lucido o oriente a descoberto
Pintando vem a Flora!

Tu filtras a janella
Do meu amor agora,
Oh luz da fresca aurora
Que vens tão clara e bella!
Mas...ah! se ella sonha,
Não vás acordal-a,
Aurora risonha
Que lhe entras a sala!
Não vás suspendel-a!
Deixar, se nos falta
A vista alma d'ella,

O olhar com que esmalta
O valle de flores;
As púdicas cores,
O riso d'olores,
Aonde amor salta,
E folga d'amor!
O pé lindo e leve,
Que a sarça domara;
O collo de neve,
Que em joias ganhara
Teu aureo explendor!

Abril, 1870.

OLHAR

Cada vez que a luz da aurora
Me abre clara um olhar teu,
Parece rasgar-se um véu
Que a toldar teu rosto fôra!

Olhaste : eu mal quiz olhar-te:
Quem um olhar te conquista
Nem aos pés de Bonaparte
Deve render sua vista.

Já no peito me não cabes
Com a gloria que senti!
Mal te vi, mas tu bem sabes
De que maneira te eu vi!

Se meus olhos não deliram,
N'aquelle breve olhar meu,
Ou na terra um anjo viram,
Ou foram vistos no céu!

Doce olhar d'olhos maternos
Não põe no filho mais luz.
Foram, sim breves, mas ternos
Os olhos que alli te eu puz!

Julho, 1870.

SONETO

São perolas teus dentes crystallinas
D'aurora que em teu riso me fluctua.
Desencerrando o altar da imagem tua,
São teus labios d'amor niveas cortinas.

Tu és o claro albor da mansa lua
Nas brancas, subtis nuvens alvas, finas:
O pôr do sol nas cérulas campinas
Tem raios d'esse olhar, que se insinua.

Porém, mal poisas frouxa vista linda:
Eu, que ia ao céu, deti-me no paraizo,
Vendo que alva, a doirar-se, prestes finda.

Se me não val agora um teu sorriso,
Vida suspensa lá me fica ainda,
Infausta, que de lá te não diviso!

Setembro, 1870.

ADEUS

Adeus! O pranto, que este adeus traspassa,
Cerca-o de graças, de sorrisos teus;
Que o sol por vezes tambem brilha, passa
Travez da nevoa, que me empana os céus.

Orvalho eu fosse de luzido albor,
Fosse eu aragem, borboleta eu fosse;
Que um beijo, um beijo, ainda um beijo doce
Sorvera a furto no jardim á flor.

Mas, sendo eu treva que no val afunda,
Pavida sombra que no chão fluctuo,
Á luz saudosa, que do céu me inunda,
Timido fujo, quando a luz és tu!

Tu, a quem amo, qual se adora a cruz,
De quem desvio cego amor, qual fera,
Por quem a vida toda esta alma dera,
Se a vida minha tu não fôras, luz!

O pranto agora, que este adeus traspassa,
Cerca-o de graças, de sorrisos teus;
Que o sol por vezes tambem brilha, passa
Travez da nevoa, que me empana os céus.

Março, 29.

SUSPIRO

Li com immensa dor
A tua carta, e... olha:
A folha é d'uma flor,
Se é d'alma aquella folha.

Celeste choro teu
Lhe resvalou ainda—
Cahiu tambem do céu
A tua carta... linda!

Oh nuvem branca chora!
Prantêa, nuvem branca!
Se em mim a negra estanca
Os balsamos d'aurora!

(Meu goso e dor) se a aragem
Inda encrespar não veio
Um lago no meu seio,
Que, assim, te espelha a imagem...

Mas olha, oh nuvem, olha
Que o lago agita amor!
—Folha, que cai—de flor,
Se é d'alma aquella folha.

Dezembro, 1870.

RECORDAÇÃO

Na face dois! Meu peito
Anceia por beijar-te.
Mais um, mais outro! Aceito
Volta de tudo, sim:

Pódes voltar-me a mim
Dois beijos, que, por dar-te,
Eu déra a vida emfim,
Que nunca se me aparte.

Ai, nunca! nunca! Quando
Na terra é vida o céu,
Vale um teu riso brando
Cada hora, que bateu...

Se tu souberas bem
Do meu amor... Escuta
Meu peito agora. A luta,
Que em mim se dá, retem

Um não-sei-quê de inferno,
D'assolação... Jesus!
—*O fogo* que produz..
Inda um teu riso terno!

Ai! bem recordo ainda
Aquella doce tarde,
Aquella noite linda,
Em que te ouvi. Meu Deus!

Tão fulgido nos céus
O sol, que ora mal arde,
Brilhára n'esse dia!
E a noite... que harmonia!

No céu tantas estrellas
Nem já cabiam, flor!
Desparecida entre ellas,
Vieras tu d'amor

Folgar na terra. As bellas
Choravam tua falta
Nos céus; porém mais alta
Fulgira a lua prestes:

Nas regiões celestes
Mais um logar se abrira
De nitida saphira,
Para... tornar-me só!

Só, n'este duro chão!
Só, n'esta praia triste;
Que logo me fugiste
Sem compaixão, sem dó!

E d'essa vez, então,
Foi que eu senti no peito
Primeiro atroz effeito
D'uma voraz paixão...

Sob o teu pé, ai! linda,
Meu coração pulára!
No lôdo aqui saltára,
E tu... calcaste-o inda!

Fugíras, como pomba
Fugida a teu regaço,
Volvendo inda do espaço
Sorriso de quem zomba! —

Como do morto filho
A lagrima final
Resvala inda com brilho
No seio maternal,

Assim, casta esmeralda,
Aquelle brando riso,
Que fôra um paraiso,
Meu peito ainda escalda!

Agora até, por fim,
De ti bem junto... Escuta
Meu coração: a luta
Jámais cessára em mim!

Jámais ; porque te adoro
Com muito ardor ; jámais.
Choro !—detem meus ais,
Guarda meu pranto—choro !

15 de Dezembro, 1870.

RECEIO

Do teu amor no lago eis-me cahido:
Como folhinha a ventos, me transpuz:
Insecto em torno á luz, da luz perdido,
Que não presente fogo, e vê só luz.

Eu vagava na margem, eu brincava ;
Colhia aqui bonina, alli, mais flor ;
Atirava pedrinha, que ondeava
O candido crystal do teu amor.

E não sabia, filha, não sabia
Que a pedra em si tem fogo, occulto em si:
Ebrio folguei d'amor, folguei, e, um dia,
Suffocado d'amor quasi me vi.

Quiz vagar n'um barquinho, era na beira
Do lago azul—regato ou mar—não sei:
E, um dia, aura do sul menos fagueira
Me fez vagar a largo—e eu vaguei.

Vaguei—o barco arromba, e vai ao fundo;
Eu, mal que sei nadar, mil forças jogo...
E tremo agora, tremo, se me inundo...
Oh! dá-me tu a mão, senão me afogo!

Abril, 1870.

DEDICAÇÃO

Aragem leve, que uma vez passaste,
Bem que vás longe do saudoso val,
Vê que inda um ramo, balouçando n'aste,
Lagrimas chora d'alvorar fatal.

Á luz d'estrellas, quando a vez primeira
Te ouvi fagueira a namorada voz,
Sonhei que um dia mansa noite fôra,
E é noite agora lento dia atroz!

Pomba innocente, bem te lembro ainda!
Qual fui, que disse nem recorde ai, não:
Pequei... perdôa-me! eras já tão linda...
E eu tinha um peito, meu amor, perdão.

Perdão! Os braços inda a ti, meu anjo,
Vão; mas abranjo, quando os fecho, a cruz...
Ai! basta um raio d'esse olhar agora,
Facho d'aurora, namorada luz!.

Gesto suave de mulher, és tudo!
Pyra mortal de condemnado leão!
Calado fallas, e sentir não mudo
Tem não fallar-te por atroz condão!

Ai, loira estrella, delicada filha
Do sol primeiro, a cuja luz te vi,
Recorda ainda que essa luz me brilha
Por ti, meu sonho, meu amor, por ti!

Por ti, cadaver quando o peito arraste,
Meu sangue é fasto de paixão veraz.
Oh! não esqueças uma vez que te amo,
Celeste ramo, que inda um anjo traz!

Viceja, lirio, que fulgente perola
Nivea te engasta puro céu azul.
Tu és o ramo da campina cérola,
E a briza morna de formoso sul.

E sendo apenas que uma vez passaste,
Bem que vás longe do saudoso val,
Vê que inda um ramo, balouçando n'aste,
Lagrimas chora d'alvorar fatal.

Novembro, 1870.

ROSAS

Rosa ao seio... que perfeita!
Não sei, Jesus! qual enfeita
O meu amor.
Ha cada qual uma rosa,
Cada qual os mimos gosa
De sua flor.

Em risonha primavera,
Donairosa borboleta
N'este jardim,
Que faria, se é discreta?
Qual para amor escolhêra?
Qual, para mim?..

Qual...não sei; mas ella sabe
Que outra rosa, se bem cabe
No vaso seu,
Não pode, não, tão perfeito
Caber outro amor no peito
Saudoso meu.

Larga, porisso, do collo
Aquella rosa, menina
D'outro rosal:
Que nem dar podem consolo
Os mimos d'uma bonina,
Sendo rival.

É vel-a agora, que a fita
Do ramo parte, e mansinho
Pende uma flor!
Teme espinho a mais bonita,
Que não teve nunca espinho
O meu amor.

Minha estrella,
Norte meu;
Namorada,
Donairosa
Flor do céu!
Toda ella
Que engraçada!
Que formosa!

Tem um modo
N'aquelle ár,
Uma graça,
Que é de branda
Singular:
No seu todo,
Quando passa,
Quando anda.

Menos brilha
Doce alvor,
Que um seu riso,
Todo enleio,
Todo amor:
—Maravilha,
Paraiso,
Devaneio.

Que firmeza
No olhar!
Que luz pura
Desafia
Para amar!
Que lindeza!
Que magia!
Que brandura!

A tão breve,
Casta mão
Bem fizera
Milagrosa
Notação:
—Mão de cêra,
Côr de neve,
Côr de rosa.

O cabello
D'entre o véu,
—Nuvem d'oiro
Refulgindo
Pelo céu,
Como é bello!
Como é lindo!
Como é loiro!

Breve, estreito
Sendo o pé,
Mal de fito
Passageiro
Se lhe vê.
Que bem feito!
Que bonito!
Que ligeiro!

Assim é. Vêde que passa
De luz brilhante
Aquella rosa bonita,
Aquella magica fada.

Se não é partir a fita,
N'um ramo de tanta graça
Qual seria a minha amada,
A minha amante?

23 de Dezembro, 1870.

Qual...não sei; mas ella sabe
Que outra rosa, se bem cabe
No vaso seu,
Não pode, não, tão perfeito
Caber outro amor no peito
Saudoso meu.

Larga, porisso, do collo
Aquella rosa, menina
D'outro rosal:
Que nem dar podem consolo
Os mimos d'uma bonina,
Sendo rival.

É vel-a agora, que a fita
Do ramo parte, e mansinho
Pende uma flor!
Teme espinho a mais bonita,
Que não teve nunca espinho
O meu amor.